

O MÉTODO CLARICIANO DE ENTREVISTAR

Enigmas e revelações de uma clarice-repórter

Olívia Scarpari Bressan¹

RESUMO

Na imprensa brasileira, sobrevieram muitas facetas da escritora Clarice Lispector, especialmente por sua duradoura e profícua relação com o Jornalismo: estima-se que tenha publicado mais de cinco mil textos em jornais e revistas (NUNES, 2012). Transfigurando-se em uma persona diferente da Clarice-entrevistada, normalmente evasiva e pouco acessível, este artigo pretende escrutinar alguns padrões da Clarice-repórter. Para além de um marco na literatura brasileira, este artigo sustenta que Lispector foi uma entrevistadora exemplar, lançando mão de um método específico de entrevista, dada sua habilidade em conseguir tamanha intimidade e revelações dos entrevistados. Se, em sua obra ficcional, temia a autorrevelação e um daninho autobiografismo, percebe-se que, sobretudo em suas entrevistas, fazia amplo uso da primeira pessoa, a fim de demandar a *alma inteira* do entrevistado. Ela por sua vez, retribuiu com um tanto da sua, sem embaraço. Desse modo, o método clariciano de entrevistar guarda características peculiares, as quais tentamos aqui fazer uma sistematização.

Palavras-chave: Método de entrevista; Clarice Lispector; Imprensa Brasileira; Jornalismo; Literatura

ABSTRACT

In brazilian press, many facets of writer Clarice Lispector supervened, especially by her long and productive relation with Journalism: it is estimated that she had published over five thousand texts in newspapers and magazines (NUNES, 2012). Transfiguring herself into a different persona as an interviewee, – she was often evasive and not much accessible in that position–, the present article aims to scrutinize some patterns of Lispector as a reporter. Beyond the fact that she is a mark for Brazilian Literature, the present article supports the idea that Lispector was an exemplary interviewer, utilizing a specific method of interview – given her ability in achieving a level of intimacy and revelations from her interviewees. If, in her fictional work, she feared self-revelation and a harmful self-biographism, it is perceived that while interviewing she used the first person in order to demand the *whole soul* of the interviewee. She returned with a bit of her soul too, without impediments. Thus, Clarice's method of interviewing holds peculiar characteristics, which we attempted to make a systematization.

Keywords: Method of interview; Clarice Lispector; Brazilian Press; Journalism; Literature

¹ Doutoranda em Estudos Literários/Tradução pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e mestra em Letras/ Escrita Criativa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). É jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: oliviascarpari@gmail.com.

Quando Clarice Lispector encontrou a Esfinge, durante uma visita ao Egito, as duas se entreolharam. “Não a decifrei. Mas ela também não me decifrou. Encaramo-nos de igual para igual. Ela me aceitou, eu a aceitei.” (LISPECTOR, 1999, p. 352), costumava contar. Insondável como a própria figura mítica do deserto, a autora sempre receou a autorrevelação pública. Tanto assim que foram muito raras as entrevistas dadas por Clarice. Uma vez disse: “Gosto de pedir entrevista – sou curiosa. E detesto dar entrevista. Elas me deformam.” (NUNES, 2006, p. 83).

Foi a partir dessa curiosa afirmação de Lispector – ainda que a escritora tenha ficado célebre por diversas outras frases, ao mesmo tempo, lapidares e intrigantes – que a reflexão sobre sua prática como entrevistadora começou a fazer parte da composição desse artigo. Cindimos então a figura-pública de Clarice no tocante a sua relação com a imprensa: 1) quando a escritora é entrevistada; 2) quando a escritora é a repórter que entrevista. Essa cisão tem como objetivo organizar retoricamente modos de investigação das posturas da escritora, suscitadas conforme cada tipo de abordagem experienciada por ela. Dessa forma, será possível esboçar uma sistematização contendo os principais pontos do que chamamos de *método clariciano de entrevista*.

A CLARICE-ENTREVISTADA

Em um outra excepcional ocasião em que Clarice aceitou a falar – em condições bastante específicas², é verdade –, ela comentou:

Quando eu morrer, que não sei quando é (...) Será que terá Coca-Cola e Pepsi ainda? Daqui a não sei quanto tempo? Hoje eu estou fazendo uma exceção, tomando Coca-Cola, porque estou fazendo regime para emagrecer e não posso tomar refrigerante. Mas eu acho tão difícil o que eu estou fazendo que estou me dando um prêmio (risos).

MC: Mas não está doendo muito não, tá? Este depoimento?

Não, está tão normal. Está fluindo com tanta...eu não estou assustada, não estou nada. (COLASANTI; SANT’ANNA, 2013, p. 232)

2 Lispector foi entrevistada para o Museu da Imagem e do Som, em 20 de outubro de 1976, por pessoas próximas: os escritores Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant’anna e João Salgueiro. Durante todo o depoimento, nota-se uma Clarice bem à vontade, entre amigos, o que talvez explique a concessão que fez para dar entrevista.

Como acabamos de perceber na entrevista citada e também conforme nota contida em “Com Clarice” (2013, p. 231) dos escritores Marina Colasanti e Affonso Romano de Sant’anna:

Principalmente nesta última fase da vida de Clarice, momento agônico em que escreveu *A hora da estrela* e *Um sopro de vida*, que já denotam a proximidade da morte, este tema torna-se, cada vez mais, uma constante no discurso e na escritura da autora. Depoimentos de amigos e cartas desta época corroboram esta impressão.

A mais célebre entrevista que concedeu, no entanto, – aquela que seria a sua primeira e última na televisão – foi em 1977 para a TV Cultura³, feita pelo jornalista Júlio Lerner. Clarice está sentada, como em um divã, mais velha, o corpo – pernas e mãos, especialmente – exibindo cicatrizes do incêndio que sofrera anos antes. Via-se que o peso do tempo e que a intensa entrega para a criação a cobravam: estava cansada e abordava o tema da morte com certa frequência. Assim, pela raridade do registro, vale transcrever alguns desvelamentos sutis de Lispector, ainda que, na entrevista com Lerner, disponível hoje no Youtube, o hermetismo a acompanhe nesses infrequentes momentos públicos:

a) *literatura como repouso do olhar primevo sobre os elementos da existência.*

Eu não sou uma profissional, só escrevo quando eu quero, eu sou uma amadora e faço questão de continuar sendo uma amadora. Profissional é aquele que tem uma obrigação consigo mesmo de escrever ou então com o outro, em relação ao outro. Eu faço questão de não ser uma profissional para manter a minha liberdade.

b) *sobre seu processo de criação literário:*

Quando estou escrevendo alguma coisa, eu anoto a qualquer hora do dia ou da noite, coisas que me vêm – o que se chama inspiração. Agora, quando estou no ato de concatenar as inspirações, aí sou obrigada a trabalhar diariamente.

c) *vaticina sua criação literária como parte da mística e devaneio de existir, evidenciada pelo dialogismo indissociável com o repórter, que surge quase como um terapeuta:*

Julio Lerner: Acontece ainda agora de você produzir alguma coisa e rasgar?

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em 25/09/2020.

Clarice Lispector: Eu deixo de lado. Não, eu rasgo, sim.

JL: É produto de reflexão ou de emoção?

CL: Raiva, um pouco de raiva.

JL: Com quem?

CL: De mim mesma.

JL: Por quê, Clarice?

CL: Tô meio cansada de mim mesma. Agora eu morri, vamos ver se eu renasço de novo. Por enquanto eu estou morta, estou falando de meu túmulo.

A CLARICE-REPÓRTER

Clarice foi também uma jornalista relutante em seu ofício. Sempre deixou claro que sua pena estava alugada somente devido ao fato de que precisava pagar as contas. É que se preocupava com um daninho autobiografismo⁴ que pudesse escorregar nas linhas de um periódico – fosse por falta de assunto ou por mero descuido de sua parte. O sentimento ambivalente nutrido por Lispector no que concerne à imprensa se manteve durante muito tempo, pois foi longa sua relação com ela. Por outro lado, ao mesmo tempo em que acreditava que o trabalho jornalístico muitas vezes pudesse atrapalhar sua escrita literária, este também a sustentou durante boa parte da sua vida. Estima-se que, em quase quarenta anos trabalhando para jornais e revistas, a Clarice-repórter tenha elaborado faraônicos cinco mil textos (NUNES, 2012). Não à toa um dia asseverou na crônica *Escrever para jornal e escrever livro*:

Hemingway e Camus foram bons jornalistas, sem prejuízo de sua literatura. Guardadíssimas as devidas e significativas proporções, era isto o que eu ambicionava pra mim também, se tivesse fôlego. Mas tenho medo: escrever muito e sempre pode corromper a palavra. Seria para ela mais protetor vender ou fabricar sapatos: a palavra ficaria intacta. Pena que não sei fazer sapatos. (LISPECTOR, 1999, p. 421)

Conforme conta Maria Aparecida Nunes (2012, p. 16), estudiosa da faceta de Clarice na imprensa, a relação da escritora com o Jornalismo a atraía pelo “caráter imprevisto das reportagens

⁴ Interessante notar que, apesar de temer ter a vida exposta, a autora foi uma das mais tematizadas em biografias na Literatura Brasileira. Em depoimento para o Instituto Moreira Salles, o filho de Clarice, Paulo Gurgel Valente, contabiliza entre seis e sete biografias já escritas sobre a mãe. Dessas, sem dúvida as mais famosas são: as de Nádya Gotlib, *Clarice, uma vida que se conta* (1995) e *Clarice: uma fotobiografia* (2007); de Benjamin Moser, *Why this World* (2009) e de Claire Varin, *Línguas de Fogo* (2002).

e o contato com diversos tipos de personalidades (...), mesmo depois, já amadurecida, por volta dos seus 40 anos de idade, quando intensifica suas atividades na imprensa.”

Dessa produção, sua faceta como cronista é certamente a mais popular, multiplicando-se até hoje, no mercado editorial, compilações raspa-tacho e vídeos no Youtube⁵ nos quais são lidos trechos de suas percepções sobre o cotidiano. Sobre tal atividade escreve no Jornal do Brasil:

Noto uma coisa extremamente desagradável. Estas coisas que ando escrevendo aqui não são, creio, propriamente, crônicas, mas agora entendo os nossos melhores cronistas. Porque eles assinam, não conseguem escapar de se revelar. Até certo ponto nós os conhecemos intimamente. E quanto a mim, isto me desagrada. Na literatura de livros permaneço anônima e discreta. Nesta coluna estou de algum modo me dando a conhecer. Perco minha intimidade secreta? Mas que fazer? É que escrevo ao correr da máquina e quando vejo, revelei certa parte minha. Acho que se escrever sobre o problema da superprodução do café no Brasil terminarei sendo pessoal. Daqui em breve serei popular? Isso me assusta. Vou ver o que posso fazer, se é que posso. (LISPECTOR, 1999, p.137)

Curioso é que o medo de revelação da autora não a impedia de ser extremamente pessoal em suas crônicas. Esse certo descompasso com o gênero faz com que imprima em seus textos marcas de sua vida cotidiana, de suas viagens, impressões subjetivas, etc. Em depoimento ao Instituto Moreira Salles, o filho de Clarice, Paulo Gurgel Valente, comenta que as “crônicas foram uma espécie de antecedência do Facebook porque ela postava no Jornal do Brasil coisas muito pessoais, o que não se fazia. Daí acho que foi um pouco adiante do seu tempo⁶.”, diz

Em 2007, a novidade foi descobrir que a escritora também entrevistava e o fazia de um modo muito particular. *Entrevistas*, editado pela Rocco, reavivou *De corpo inteiro*, resgatado do longínquo 1975: uma seleção de 35 das 100 matérias que fez entre 1940 e 1977 com ícones da cultura. Cinco anos depois, *Clarice na Cabeceira: Jornalismo* (2012) é lançado, pela mesma editora, explorando ainda mais o repertório das entrevistas na obra da ucraniana naturalizada brasileira. Mais recentemente também, suas entrevistas foram objeto de adaptação cinematográfica no documentário *De Corpo Inteiro – Entrevistas*, de 2009, dirigido por sua sobrinha-neta, Nicole

5 Os exemplos são inúmeros. Clarice Lispector foi amplamente citada na Internet, inclusive com textos que sequer são de sua autoria – muitos inventados e atribuídos à escritora erroneamente. Os apócrifos ainda circulam nas redes sociais e são compartilhados à exaustão. Há ainda, no Youtube, vídeos de famosos lendo suas crônicas que fazem muito sucesso, como Antônio Abujamra, Maria Bethânia, Aracy Balabanian, entre outros. Não há dúvida: se antes o público tinha dificuldade de compreendê-la, hoje Clarice é pop.

6 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G7kndLPsKaA>. Acesso em 26/09/2020.

Algranti. Boa parte de todo o material de entrevistas para os livros e para o filme foi extraído de *Diálogos possíveis com Clarice*, seção que ela assinou para a revista *Manchete* de 1968 a 1969. Esta outra faceta da produção de Lispector desvela também a postura da escritora na imprensa: ela se mostra altamente confessional, contando experiências suas, e é, por vezes, até provocativa e muito direta, como na ocasião em que encontrou Vinicius de Moraes e lhe perguntou “Vinicius, você realmente amou alguém na vida? (LISPECTOR, 2007, p. 105), ou então, “Vinicius, você acaba um caso porque encontra outra mulher ou porque se cansa da primeira?” (p.106). A Clarice-repórter se transfigura em uma persona diferente da Clarice-entrevistada – normalmente evasiva e pouco acessível, plena de falas como “Isso é segredo”, “Esqueci-me”, “Eu não quero dizer”, “Desculpe, eu não vou responder” (WILLIAMS, 2007, p. 10).

Quando Clarice era a entrevistadora, o *modus operandi* era bastante diverso: costumava contar algo pessoal para que o entrevistado se sentisse à vontade e falasse de si mesmo também.

Eu me expus nessas entrevistas e consegui assim captar a confiança de meus entrevistados a ponto de eles próprios se exporem. As entrevistas são interessantes porque revelam o inesperado das personalidades entrevistadas. Há muita conversa e não as clássicas perguntas. (LISPECTOR apud ROSSI, 2006, p.11)⁷

A revelação de uma Clarice-repórter deixa entrever que, durante uma entrevista, só é possível obter a essência de quem quer que seja quando se torce o protocolo do distanciamento e impessoalidade jornalísticos. Como aponta Cremilda Medina em seu paradigmático livro *Entrevista: o diálogo possível*:

O entrevistador tem de encarar o momento da entrevista como uma situação psicossocial, de complexidade indiscutível. Se for um iniciante sem preparo ou um prático profissional inconsciente da dimensão psicológica e social daquele encontro com a fonte de informação, as coisas acontecerão atabalhoadamente, com agressividade, imposição, autoritarismo. Se não houver consciência das etapas de observação mútua – namoro, busca da confiança recíproca, entrega –, a matéria resultará numa versão pobre do que teria sido uma entrevista. (MEDINA, 1986, p. 29)

A abordagem sincera e autoral com a qual conduzia os questionamentos resulta no encontro de um *perfil humanizado* dos entrevistados, uma vez que realiza “uma entrevista aberta, que mergulha no outro para compreender seus conceitos, valores, comportamentos, histórico

⁷ Este trecho foi extraído originalmente do artigo *Uma escritora no escuro – Clarice Lispector*, publicado na revista *Manchete*, em 3 maio de 1975, por Celso Arnaldo Araújo. Trata-se de uma resposta de Clarice para um entrevista.

de vida” (MEDINA, 1986, p.18). Lispector consegue declarações profundamente intimistas, como as que Tom Jobim faz durante um encontro regado a uísque e cerveja. O diálogo, por vezes psicodélico, transcorre assim: “A morte não existe Clarice, tive uma experiência que me revelou isso. Fora essa experiência que não vou contar, temo a morte vinte e quatro horas por dia.” (LISPECTOR, 2007, p.111). Clarice devolve a abstração do músico com uma outra: “Não estou entendendo nada do que estamos falando, mas faz sentido. Como podemos, Tom, falar do que não entendemos?” (p. 112).

Desse modo, o método clariciano de entrevistar guarda características exemplares, as quais tentamos aqui fazer uma pequena sistematização:

- 1) *usa a primeira pessoa, o que desencadeia uma alta dose de sinceridade e cumplicidade nos seus encontros com os entrevistados.*

Ela costuma se expor e é sincera. Ilustra-se bem isso a sua entrevista com o psicanalista Hélio Pellegrino quando diz: “Você quereria ter outras vidas? Era o meu sonho ter várias. Numa eu seria só mãe, em outra vida eu só escreveria, em outra eu só amava” (LISPECTOR, 2007, p. 63) ou com Fernando Sabino quando ela o indaga: “Você acha que a nossa geração falhou? Eu acho que sim. Acho que nos faltou dar o corajoso passo no escuro.” (p. 35).

- 2) *Lispector dirige a entrevista com consciência de que as perguntas não são prerrogativas únicas da repórter.*

Clarice sabe que entrevista é embate, uma disputa amigável feita de muitas arremetidas, recuos e trocas de posição. Portanto, *ora é ela quem faz os questionamentos, ora é o entrevistado quem a questiona*. Exemplo disso é seu inusitado encontro com Zagallo, na época, um jovem técnico de futebol. Ele a interpela diversas vezes, frequentemente sobre assuntos absolutamente diversos do mundo do esporte mais querido pelos brasileiros. Ele a questiona, por exemplo: “Clarice, você está satisfeita como escritora?” (LISPECTOR, 2007, p. 221). A resposta vem quase como invasão de território, objetiva e é seguida de outra pergunta a palo seco: “Não, mas é o melhor que sei fazer. O que é que você acha de Pelé e Garrincha?” (p. 221). Logo após, ele muda de assunto e a questiona novamente: “O que você acha dessa agitação dos estudantes no mundo inteiro?” (p. 223) ou então: “Que é que você acha, como escritora, do ambiente dos Estados Unidos, principalmente essa perseguição à família Kennedy?” (p. 222).

3) *ela abre espaço para o exercício da alteridade e da empatia.*

Dessa forma, faz perguntas, respondendo-as previamente, para que o entrevistado se sinta à vontade em respondê-la também. É o que acontece quando encontra Érico Veríssimo e o questiona sobre a fama. “Sua fama é enorme, Érico. *Se eu fosse famosa assim, teria minha vida particular invadida, e não poderia mais escrever* [grifo nosso] Como é que você se dá com a fama? Eu soube que o ônibus de turistas em Porto Alegre tem como parte do programa mostrar sua casa” (LISPECTOR, 2007, p. 41) ou como quando interroga o crítico Alceu Amoroso Lima: “Algumas pessoas dizem que submeter-se à psicanálise é tolice, que sai muito mais barato e fácil confessar-se. *Para mim* [grifo nosso] é inteiramente óbvio que se trata de campos completamente separados. Qual é a sua opinião?” (p. 93).

4) *apesar de às vezes provocar e instigar os entrevistados, o diálogo não é contaminado por agressividade; a conversa se desenvolve entre amigos.*

Clarice entrevistava quem a interessasse. Recusou-se, por exemplo, sem maiores explicações, a entrevistar Pelé (WILLIAMS, 2007, p. 8); ao encontrar Emérson Fittipaldi em uma fila de embarque, no aeroporto, aproveitou para fazer a ele algumas perguntas que renderam uma publicação na revista. Esse grau de autonomia, por certo se justifica por ser, à época, já uma escritora famosa enquanto trabalhava como repórter, o que a aproximava dos entrevistados, deixando-se de lado a posição por vezes subalterna e dependente, legada a muitos jornalistas perante suas fontes.

5) *ela descreve suas impressões subjetivas sobre pessoas e lugares.*

De Rubem Braga, gostava: “Até pareço que conheço Rubem desde sempre. Gostei dele à primeira vista” (LISPECTOR, 2007, p. 18). Disse ainda que era “um poeta que teve pudor de escrever versos, e então inventou a crônica (p. 18). Com Nelson Rodrigues foi dura e reveladora: “Nelson, como consequência de meu incêndio, passei quase três meses no hospital. E recebia visitas até de estranhos. Eu não sou simpática. Mas o que eu dei aos outros para que viessem me fazer companhia? Não acredito que não se tenha amigos. É que são raros” (p. 28), retorquiu quando o dramaturgo constatou que a amizade não existia. Sobre a Bahia, em conversa com Jorge Amado disse: “Aqui, em Salvador, eu realmente senti que poderia escrever mais e melhor.

Mas o Rio de Janeiro, com o seu ar poluído não é nada mau, Jorge. Coloca-nos frente a frente com condições adversas e também dessa luta nasce o escritor. É verdade que muitos escritores que moram no Rio são saudosistas de seus estados e têm nostalgia da província?” (p. 27)

6) *e utiliza três perguntas padrão, feitas a qualquer momento do encontro, criando uma marca autoral em seu trabalho como repórter:*

“Qual é a coisa mais importante do mundo?”, “Qual é a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?” e “O que é o amor?”. Para além dessas perguntas mencionadas, do ponto de vista existencial, as perguntas de Clarice são bastante complexas para uma entrevista. Fica-se com a impressão de que Clarice estava procurando respostas a perguntas às quais ela própria não conseguia responder sozinha. Em entrevista ainda com Pellegrino: “Hélio, você é analista e me conhece. Diga sem elogios – quem sou eu, já que você me disse quem é você. Eu preciso conhecer o homem e a mulher.” (LISPECTOR, 2007, p. 65).

As questões de Clarice também poderiam ser pautadas por um princípio de aleatoriedade, mas nem por isso, deixavam de revelar que a escritora estava a par e preocupava-se com as transformações sociais, como as discussões do papel da mulher na sociedade e as questões do feminino, por exemplo. A Alceu Amoroso Lima sobre sua posição em relação à pílula anticoncepcional: “Qual a sua atitude em face das pílulas anticoncepcionais? Gostaria de que o senhor se lembrasse de que só os pobres, os que não têm como sustentar filhos, é que mais filhos têm.” (p. 91).

À Nélida Piñon quis saber sobre a necessidade de advogar pelo feminismo nos dias de hoje: “Você é feminista? O que é que reivindica para a mulher brasileira?” (p. 49), pergunta Clarice.

Curioso é que o medo de Clarice em se mostrar na imprensa se choca com seu método de entrevistar, visivelmente pessoal. Percebe-se que, para além de simples perguntas, do mero protocolo que se transformar uma entrevista, a escritora demanda a *alma inteira* do entrevistado; e ela, por sua vez, retribui com um tanto da sua. Apesar de avessa a falar sobre si mesma, no momento em que os papéis se invertem e é Clarice quem lança suas questões ao outro, ela acaba por se autobiografar também. *Entrevistas e Clarice de Cabeceira – Jornalismo* se afiguram em oportunidades para entender melhor a esfinge segundo ela mesma: as reflexões da autora sobre os processos da criação artística, por exemplo, podem oferecer respostas, por vezes mais objetivas do que quando perguntadas a ela diretamente. Nessas ocasiões, em que se deixa

mostrar, diz que arte é busca, que evita ao máximo ter que se reler, que não sabe o motivo pelo qual escreve. A Fernando Sabino disse que criação é uma mistura entre começar a escrever uma palavra, uma ideia, com o pôr-se de súbito, sem maiores explicações, a escrever.

Como é que começa em você a criação, por uma palavra, uma ideia? É sempre deliberado o seu ato criador? Ou você de repente se vê escrevendo? Comigo é uma mistura. É claro que tenho o ato deliberador, mas precedido por uma coisa qualquer que não é de nenhum modo deliberada.” (LISPECTOR, 2007, p. 32)

A ele também confessa que tem medo da palavra escrita e que considera o ato criador algo muito grandioso, sendo por vezes uma tarefa assustadora.

Fernando você tem medo antes e durante o ato criador? Eu tenho: acho-o grande demais para mim. E cada novo livro meu é tão hesitante e assustado como um primeiro livro. Talvez isso aconteça com você, e seja o que está atrapalhando a formação de seu novo romance”. (LISPECTOR, 2007, p. 35)

A Ferreira Gullar reafirmou sua dificuldade em reescrever e editar seus livros, uma vez que suas frases já vinham prontas. “Marques Rebelo me disse uma vez que reescrever era mais simples que escrever. Quanto a mim, Gullar, eu discordo, pois minhas frases já vêm prontas. Em você, como se processa o ato criador? Você reescreve?” (LISPECTOR, 2007, p. 53). À Marly de Oliveira, falou sobre sua proximidade com a prosa poética: “Acho que poesia é a mesma coisa que prosa, embora usem formas diversas” (LISPECTOR, 2007, p. 77)

Ao longo das conversas, a faceta da Clarice criadora/escritora vai se revelando em pequenas pistas que deixa escapar. No fundo, sua obra jornalística também fala sobre um tema muito recorrente em sua obra ficcional, que é a tentativa de desvelar o mistério do contato com o outro e consigo mesma. Algo que Hélio Pellegrino, ao ser entrevistado pela autora, consegue resumir bem: “Não há liberdade sem abertura ao Outro, sem consentimento na existência do Outro como tal e enquanto tal.” (LISPECTOR, 2007, p. 63). E não há nada mais genuinamente jornalístico do que esse consentimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COLASANTI, Marina & SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Com Clarice*. São Paulo: UNESP, 2013.

LISPECTOR, Clarice. *Clarice na cabeceira*. Maria Aparecida Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LISPECTOR, Clarice. [Entrevista concedida a Julio Lerner para TV Cultura em 1977, a Internet]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP112EVnU>. Acesso em 18/11/2020.

LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector: Entrevistas*. Claire Williams (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista – o diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1986

NUNES, Maria Aparecida. *A menina de Tchetchelnik*. In: LISPECTOR, Clarice. *Clarice na cabeceira*. Maria Aparecida Nunes (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

ROSSI, Vera Helena Saad. “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”: as entrevistas de uma escritora jornalista. 2006. 102 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Departamento de pós-graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2006.

WILLIAMS, Claire. Clarice ‘Entre-vistas’. In: LISPECTOR, Clarice. *Clarice Lispector: Entrevistas*. Claire Williams (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

VALENTE, Paulo Gurgel. [Entrevista concedida a Eucanã Ferraz e Elizama Almeida para o Instituto Moreira Salles em 2014, a Internet]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=G7kndLPsKaA>. Acesso em 26/09/2020.